

SABRINA DOS SANTOS SILVA DE ALMEIDA
NILDA DA SILVA PEREIRA

SEQUÊNCIA DIDÁTICA:
Oficinas de Leitura:
Estratégias para o
Processo de Formação
do Leitor Crítico

PRODUTO
EDUCACIONAL

SABRINA DOS SANTOS SILVA DE ALMEIDA
NILDA DA SILVA PEREIRA

SEQUÊNCIA DIDÁTICA:

Oficinas de Leitura: Estratégias para o Processo de Formação do Leitor Crítico

PRODUTO EDUCACIONAL

1ª Edição

Diálogo Comunicação e Marketing

Vitória

2022

Sequência didática: Oficinas de Leitura: Estratégias para o Processo de Formação do Leitor Crítico - Produto educacional © 2022, Sabrina dos Santos Silva de Almeida e Nilda da Silva Pereira.

Orientadora: Prof.^a Doutora Nilda da Silva Pereira

Curso: Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação

Instituição: Faculdade Vale do Cricaré

Edição: Ivana Esteves Passos de Oliveira

Diagramação: Ilvan Filho

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A447s Almeida, Sabrina dos Santos Silva de. -
Sequência didática: Oficinas de leitura: estratégias para o processo de formação do leitor crítico - Produto educacional / Sabrina dos Santos Silva de Almeida, Nilda da Silva Pereira. -
Vitória, ES : Diálogo Comunicação e Marketing, 2022. -
70 p. : il. color. ; 21 cm.
ISBN 978-85-92647-62-9
DOI 10.29327/562550
1. Leitura – Estudo e ensino. 2. Oficinas de leitura.
3. Leitores – Formação. I. Pereira, Nilda da Silva.
CDD – 372.4

Bibliotecária Amanda Luiza de Souza Mattioli Aquino – CRB5 1956

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	05
O PROCESSO DO ATO DA LEITURA	07
OFICINA 1 – ESTRATÉGIA DE CONEXÃO	12
OFICINA 2 – ESTRATÉGIA DE INFERÊNCIA	17
OFICINA 3 – ESTRATÉGIA DE VISUALIZAÇÃO E SUMARIZAÇÃO	29
OFICINA 4 – ESTRATÉGIA DE SÍNTESE	44
REFERÊNCIAS	70



APRESENTAÇÃO

Esta sequência didática, intitulada “Oficinas de Leitura: Estratégias para o Processo de Formação do Leitor Crítico”, configura-se no Produto Educacional da Dissertação de Mestrado Profissional apresentado ao Programa de Pós Graduação em Ciências, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré. Esta sequência é composta pelas oficinas de leitura aplicadas pela pesquisadora, em sua dissertação de mestrado acerca das estratégias de leitura em consonância com contos fantásticos. Este material foi desenvolvido com o intuito de auxiliar os professores de Língua Portuguesa nos trabalhos realizados referentes à leitura.

Caro professor (a), aqui nessa sequência didática você encontra estratégias de leitura organizadas em oficinas para subsidia-lo em suas práticas relacionadas à leitura em sala de aula. Essa sequência utilizou como gênero os contos fantásticos, mas você terá autonomia para fazer alterações quanto ao gênero e série em que desejar aplicar.

As estratégias estão organizadas em quatro oficinas de leitura, propostas a serem trabalhadas em 60 minutos cada, sendo abordado o gênero textual conto fantástico, com o intuito de aproximar o aluno da leitura através do real e do imaginário presentes nessas narrativas. Para a elaboração das oficinas usou-se as estratégias propostas por Souza et al (2010): Conexão, Inferência, Visualização, Sumarização e Síntese.

Cada oficina é pautada em uma ou duas estratégias de leitura, sendo realizadas em momentos consecutivos, alternando entre a interação do professor com os alunos e o preenchimento dos quadros propostos para a compressão dos textos.



O PROCESSO DO ATO DA LEITURA

A leitura é a ferramenta que possibilita ao leitor a construção de um vasto vocabulário, seja de palavras de uso casual as mais rebuscadas, de culturas e tradições diversas, desde as mais próximas as mais distantes, de determinados temas, é capaz de propiciar ao leitor viagens sem precisar sair da comodidade de sua casa. Tem como característica direcionar os nossos pensamentos para dentro do contexto da leitura, possibilitando assim, o preenchimento de lacunas descobertas por cada leitor de acordo com suas vivências e particularidades.

Porém a realidade atual se apresenta uma gama de sujeitos que não dispõem da prática de leitura, visto que para se ter uma compreensão do que se lê é essencial que tenha conhecimentos consideráveis de mundo, para que a leitura das palavras flua naturalmente, e assim, haja o entendimento do mundo lido. Diante disso, Freire (1989) afirma que:

Mas, é importante dizer, a “leitura” do meu mundo, que me foi sempre fundamental, não fez de mim um menino antecipado em homem, um racionalista de calças curtas. A curiosidade do menino não iria distorcer-se pelo simples fato de ser exercida, no que fui mais ajudado do que desajudado por meus pais. E foi com

eles, precisamente, em certo momento dessa rica experiência de compreensão do meu mundo imediato, sem que tal compreensão tivesse significado malquerenças ao que ele tinha de encantadoramente misterioso, que eu comecei a ser introduzido na leitura da palavra. A decifração da palavra fluía naturalmente da “leitura” do mundo particular. Não era algo que se estivesse dando superpostamente a ele. Fui alfabetizado no chão do quintal de minha casa, à sombra das mangueiras, com palavras do meu mundo e não do mundo maior dos meus pais. O chão foi o meu quadro-negro; gravetos, o meu giz (FREIRE, 1989. p. 11).

Na atualidade, muito tem se discutido acerca da importância do ato de ler, ressaltando que o professor de língua portuguesa ao iniciar os trabalhos nas séries finais do ensino fundamental, bem como no ensino médio, preza pelo ensino, incentivo e estímulo aos alunos pelo hábito da leitura. De forma que este, conseqüentemente, desenvolva de maneira ampla e autônoma a capacidade de compreender, refletir e criticar o que foi lido.

De acordo com Zilbermann (2003, p. 28),

Ao professor cabe o desencadear das múltiplas visões que cada criação literária sugere, enfatizando as variadas interpretações pessoais (...) em razão de sua percepção singular do universo representado.

Com isso, o professor deve buscar desenvolver novas maneiras de tornar a leitura um ato prazeroso. Dessa forma, busca-se nas estratégias de leitura e em

consonância com o gênero conto fantástico tornar as aulas de leitura, principalmente de literatura, mais eficazes em sala de aula.

Em completude, a BNCC (2018) também compreende no eixo de leitura as seguintes estratégias e procedimentos de leitura,

- Selecionar procedimentos de leitura adequados a diferentes objetivos e interesses, levando em conta características do gênero e suporte do texto, de forma a poder proceder a uma leitura autônoma em relação a temas familiares.
- Estabelecer/considerar os objetivos de leitura.
- Estabelecer relações entre o texto e conhecimentos prévios, vivências, valores e crenças.
- Estabelecer expectativas (pressuposições antecipadoras dos sentidos, da forma e da função do texto), apoiando-se em seus conhecimentos prévios sobre gênero textual, suporte e universo temático, bem como sobre saliências textuais, recursos gráficos, imagens, dados da própria obra (índice, prefácio etc.), confirmando antecipações e inferências realizadas antes e durante a leitura de textos.
- Localizar/recuperar informação.
- Inferir ou deduzir informações implícitas.
- Inferir ou deduzir, pelo contexto semântico ou linguístico, o significado de palavras ou expressões desconhecidas.
- Identificar ou selecionar, em função do contexto de ocorrência, a acepção mais adequada de um vocábulo ou expressão.
- Apreender os sentidos globais do texto.

- Reconhecer/inferir o tema.
- Articular o verbal com outras linguagens – diagramas, ilustrações, fotografias, vídeos, arquivos sonoros etc. – reconhecendo relações de reiteração, complementaridade ou contradição entre o verbal e as outras linguagens.
- Buscar, selecionar, tratar, analisar e usar informações, tendo em vista diferentes objetivos.
- Manejar de forma produtiva a não linearidade da leitura de hipertextos e o manuseio de várias janelas, tendo em vista os objetivos de leitura. (BNCC, p. 74, 2018)

As estratégias e procedimentos de leitura descritos acima, podem ser compreendidos nas habilidades da BNCC (2018),

(EF69LP44) Inferir a presença de valores sociais, culturais e humanos e de diferentes visões de mundo, em textos literários, reconhecendo nesses textos formas de estabelecer múltiplos olhares sobre as identidades, sociedades e culturas e considerando a autoria e o contexto social e histórico de sua produção. (BNCC, p. 157, 2018)

(EF67LP28) Ler, de forma autônoma, e compreender – selecionando procedimentos e estratégias de leitura adequados a diferentes objetivos e levando em conta características dos gêneros e suportes –, romances infantojuvenis, contos populares, contos de terror, lendas brasileiras, indígenas e africanas, narrativas de aventuras, narrativas de enigma, mitos, crônicas, autobiografias,

histórias em quadrinhos, mangás, poemas de forma livre e fixa (como sonetos e cordéis), vídeo-poemas, poemas visuais, dentre outros, expressando avaliação sobre o texto lido e estabelecendo preferências por gêneros, temas, autores. (BNCC, p. 169, 2018)

Em conformidade a isso, a BNCC (2018) aborda que,

A participação dos estudantes em atividades de leitura com demandas crescentes possibilita uma ampliação de repertório de experiências, práticas, gêneros e conhecimentos que podem ser acessados diante de novos textos, configurando-se como conhecimentos prévios em novas situações de leitura. (BNCC, p. 75, 2018)

Dessa forma, nas atividades realizadas durante a leitura, faz-se indispensável instigar a leitura silenciosa, para que os alunos sejam capazes de concretizar sozinhos, as atividades explanadas pelo professor. De acordo com Solé (1998, p.118) o professor poderá propor atividades aos alunos que permitam:

- Formular perguntas a respeito do que foi lido;
- Fazer previsões a respeito do texto;
- Explanar suas possíveis dúvidas a respeito do texto;
- Sintetizar as ideias que contem no texto.

São as ações de leitura concretizadas nesse período que consentirão que os alunos realizem deduções sobre o texto lido.

OFICINA 1 - ESTRATÉGIA CONEXÃO

TEMA: Oficina de Leitura “O silêncio das sereias” de Franz Kafka

OBJETIVOS: Desenvolver a estratégia de conexão.

EIXOS DE APRENDIZAGEM: Leitura e Oralidade.

EIXOS DE LEITURA: Estabelecer relações entre o texto e conhecimentos prévios, vivências, valores e crenças.

HABILIDADE: (EF67LP28)

DURAÇÃO: 60 minutos.

RECURSOS: Aplicativo Google Meet, cópia xerocada do conto fantástico “O silêncio das sereias” de Franz Kafka, do quadro representativo, da folha do pensar, da folha para a produção do cartaz, quadro para ativação do conhecimento prévio, lápis e borracha.

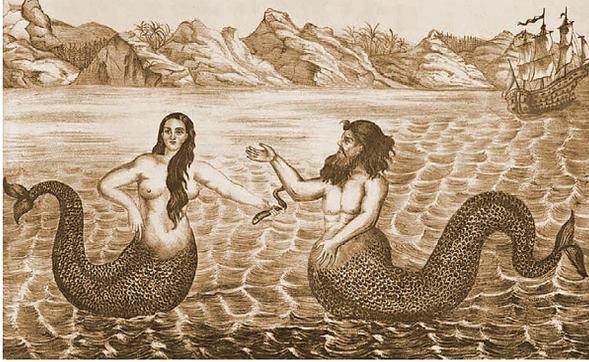
METODOLOGIA:

ANTES DO TEXTO:

1º MOMENTO: Perguntar para os alunos se eles sabem o que é conhecimento prévio, utilizar o início da oficina para discussão e anotar as observações dos alunos.

2º MOMENTO: Falar sobre o conto e entregar o texto.

3º MOMENTO: Orientar que os alunos façam a leitura do texto e/ou ler com eles.



O SILÊNCIO DAS SEREIAS

Prova de que até os meios insuficientes – infantis mesmo – podem servir à salvação:

Para se defender das sereias, Ulisses tapou os ouvidos com cera e se fez amarrar ao mastro. Naturalmente – e desde sempre – todos os viajantes poderiam ter feito coisa semelhante, exceto aqueles a quem as sereias já atraíam à distância; mas era sabido no mundo inteiro que isso não podia ajudar em nada. O canto das sereias penetrava tudo e a paixão dos seduzidos teria rebentado mais que cadeias e mastro. Ulisses porém não pensou nisso, embora talvez tivesse ouvido coisas a esse respeito. Confiou plenamente no punhado de cera e no molho de correntes e, com alegria inocente, foi ao encontro das sereias levando seus pequenos recursos.

As sereias entretanto têm uma arma ainda mais terrível que o canto: o seu silêncio. Apesar de não ter acontecido isso, é imaginável que alguém tenha escapado ao seu canto; mas do silêncio certamente não. Contra o sentimento de ter vencido com as próprias forças e contra a altivez daí resultante – que tudo arrasta consigo – não há na terra o que resista.

E de fato, quando Ulisses chegou, as poderosas cantoras não cantaram, seja porque julgavam que só o silêncio poderia conseguir alguma coisa desse adversário, seja porque o ar de felicidade no rosto de Ulisses – que não pensava em outra coisa a não ser em cera e correntes – as fez esquecer de todo e qualquer canto.

Ulisses no entanto – se é que se pode exprimir assim – não ouviu o seu silêncio, acreditou que elas cantavam e que só ele estava protegido contra o perigo de escutá-las. Por um instante, viu os movimentos dos pescoços, a respiração funda, os olhos cheios de lágrimas, as bocas semiabertas, mas achou que tudo isso estava relacionado com as árias que soavam inaudíveis em torno dele. Logo, porém, tudo deslizou do seu olhar dirigido para a distância, as sereias literalmente desapareceram diante da sua determinação, e quando ele estava no ponto mais próximo delas, já não as levava em conta.

Mas elas – mais belas do que nunca – esticaram o corpo e se contorceram, deixaram o cabelo horripilante voar livre no vento e distenderam as garras sobre os rochedos. Já não queriam seduzir, desejavam apenas capturar, o mais longamente possível, o brilho do grande par de olhos de Ulisses. Se as sereias tivessem consciência, teriam sido então aniquiladas. Mas permaneceram assim e só Ulisses escapou delas.

De resto, chegou até nós mais um apêndice. Diz-se que Ulisses era tão astucioso, uma raposa tão ladina, que mesmo a deusa do destino não conseguia devassar seu íntimo. Talvez ele tivesse realmente percebido – embora isso não possa ser captado pela razão humana – que as sereias haviam silenciado e se opôs a elas e aos deuses usando como escudo o jogo de aparências acima descrito.

Disponível em: <https://franzkafka.com.br/2014/09/14/o-silencio-das-sereias/>

4º MOMENTO: Após a leitura, pedir que os alunos preencham os quadros a seguir.

QUADRO REPRESENTATIVO DA CONEXÃO TEXTO-LEITOR
ALUNO:
Após a leitura do conto “O silêncio das sereias” de Franz Kafka, lembrei-me de que, um dia, eu também...

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)

FOLHA DO PENSAR SOBRE A CONEXÃO TEXTO-TEXTO
ALUNO:
Quando li o conto “O silêncio das sereias” de Franz Kafka, lembrei-me de que já tinha visto, lido ou ouvido algo em que também se aparecia...

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)

5º MOMENTO: orientar aos alunos que preencham o último quadro e posteriormente o professor transcreve para um cartaz as pontuações dos alunos.

FOLHA PARA A PRODUÇÃO DO CARTAZ SOBRE A CONEXÃO TEXTO-MUNDO

ALUNO:

Quando li o conto “O silêncio das sereias” de Franz Kafka, lembrei-me de que já tinha visto, lido ou ouvido algo em que também se aparecia...

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)

OFICINA 2 - ESTRATÉGIA INFERÊNCIA

TEMA: Oficina de Leitura “Bárbara” de Murilo Rubião e “O Abutre” de Franz Kafka.

OBJETIVOS: Desenvolver a estratégia de inferência.

EIXOS DE APRENDIZAGEM: Leitura, oralidade.

EIXOS DE LEITURA: Inferir ou deduzir informações implícitas; Inferir ou deduzir, pelo contexto semântico ou linguístico, o significado de palavras ou expressões desconhecidas.

HABILIDADE: (EF69LP44)

DURAÇÃO: 60 minutos

RECURSOS: Aplicativo Google Meet, cópia xerocada do conto fantástico “Bárbara” de Murilo Rubião e “O Abutre” de Franz Kafka, quadro âncora, quadro recapitulativo e folha do pensar, inferências, lápis e borracha.

METODOLOGIA:

ANTES DO TEXTO:

1º Momento: Perguntar para os alunos se eles sabem o que é inferência, utilizar o início da oficina para discussão e anotar as observações dos alunos.

2º Momento: Falar sobre o conto e entregar o texto.

3º Momento: Pedir que os alunos respondam o quadro âncora a inferência antes de fazer a leitura do texto.

QUADRO ÂNCORA PARA A INFERÊNCIA

ALUNO:			
EU USO PARA PREVER:	SIM	NÃO	OBSERVAÇÃO
O título.			
Questões que podem ser respondidas.			
O que eu já sei sobre o assunto do texto.			
O que eu sei sobre o autor ou gênero.			
O que eu sei sobre a organização e a estrutura do texto.			
O que aconteceu na história, até onde li.			
O que eu sei sobre os personagens.			

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)



4º Momento: Após o preenchimento do quadro, orientar que os alunos façam a leitura do texto e/ou ler com eles.

Texto 1: BÁRBARA

Por mais absurdo que pareça, encontrava-me sempre disposto a lhe satisfazer os caprichos. Em troca de tão constante dedicação, dela recebi frouxa ternura e pedidos que se renovavam continuamente. Não os retive todos na memória, preocupado em acompanhar o crescimento do seu corpo, se avolumando à medida que se ampliava sua ambição. Se ao menos ela desviasse para mim parte do carinho dispensado às coisas que eu lhe dava, ou não engordasse tanto, pouco me teriam importado os sacrifícios que fiz para lhe contentar a mórbida mania. Quase da mesma idade, fomos companheiros inseparáveis na meninice, namorados, noivos e, um dia, nos casamos. Ou melhor, agora posso confessar que não passamos de simples companheiros. Enquanto me perdurou a natural inconsequência da infância, não sofri com as suas esquisitices. Bárbara era menina franzina e não fazia mal que adquirisse formas mais amplas. Assim pensando, muito tombo levei, subindo a árvores, onde os olhos ávidos da minha companheira descobriam frutas sem sabor ou ninhos de passarinho. Apanhei também algumas surras de meninos aos quais era obrigado agredir unicamente para realizar um desejo de Bárbara. E se retornava com o rosto ferido, maior se lhe tornava o contentamento. Segurava-me a cabeça entre as mãos e sentia-se feliz em acariciar-me a face intumescida, como se as equimoses fossem um presente que eu lhe tivesse dado. Às vezes relutava em aquiescer às suas exigências, vendo-a engordar incessantemente. Entretanto, não durava muito a minha indecisão. Vencia-me a insistência do seu olhar, que transformava os mais insignificantes pedidos numa ordem formal. (Que ternura lhe vinha aos olhos, que ar convincente o dela ao me fazer tão extravagantes solicitações!) Houve tempo - sim, houve - em que me fiz duro e ameacei abandoná-la ao primeiro pedido que

recebesse. Até certo ponto, minha advertência produziu o efeito desejado. Bárbara se refugiou num mutismo agressivo e se recusava a comer ou conversar comigo. Fugia à minha presença, escondendo-se no quintal e contaminava o ambiente com uma tristeza que me angustiava. Definhava-lhe o corpo, enquanto lhe crescia assustadoramente o ventre. Desconfiado de que a ausência de pedidos em minha mulher poderia favorecer uma nova espécie de fenômeno, apavorei-me. O médico me tranquilizou. Aquela barriga imensa prenunciava apenas um filho. Ingênuas esperanças fizeram-me acreditar que o nascimento da criança eliminasse de vez as estranhas manias de Bárbara. E suspeitando que a sua magreza e palidez fossem prenúncio de grave moléstia, tive medo que, adoecendo, lhe morresse o filho no ventre. Antes que tal acontecesse, lhe implorei que pedisse algo. Pedi o oceano. Não fiz nenhuma objeção e embarquei no mesmo dia, iniciando longa viagem ao litoral. Mas, frente ao mar, atemorizei-me com o seu tamanho. Tive receio de que a minha esposa viesse a engordar em proporção ao pedido, e lhe trouxe somente uma pequena garrafa contendo água do oceano. No regresso, quis desculpar meu procedimento, porém ela não me prestou atenção. Sofregamente, tomou-me o vidro das mãos e ficou a olhar, maravilhada, o líquido que ele continha. Não mais o largou. Dormia com a garrafinha entre os braços e, quando acordada, colocava-o contra a luz, provava um pouco da água. Entrementes, engordava. Momentaneamente despreocupeime da exagerada gordura de Bárbara. As minhas apreensões voltavam-se agora para o seu ventre a dilatar-se de forma assustadora. A tal extremo se lhe dilatou que, apesar da compacta massa de banha que lhe cobria o corpo, ela ficava escondida por trás de colossal barriga. Receoso de que dali saísse um gigante, imaginava como seria terrível viver ao lado de uma mulher gordíssima e um filho

monstruoso, que poderia ainda herdar da mãe a obsessão de pedir as coisas. Para meu desapontamento, nasceu um ser raquítico e feio, pesando um quilo. Desde os primeiros instantes, Bárbara o repeliu. Não por ser miúdo e disforme, mas apenas por não o ter encomendado. A insensibilidade da mãe, indiferente ao pranto e à fome do menino, obrigou-me a criá-lo no colo. Enquanto ele chorava por alimento, ela se negava a entregar-lhe os seios volumosos, e cheios de leite. Quando Bárbara se cansou da água do mar, pediu-me um baobá, plantado no terreno ao lado do nosso. De madrugada, após certificar-me de que o garoto dormia tranquilamente, pulei o muro divisório com o quintal do vizinho e arranquei um galho da árvore. Ao regressar a casa, não esperei que amanhecesse para entregar o presente à minha mulher. Acordei-a, chamando baixinho pelo seu nome. Abriu os olhos, sorridente, adivinhando o motivo por que fora acordada: - Onde está? - Aqui. E lhe exibiu a mão, que trazia oculta nas costas. - Idiota! Gritou, cuspidando no meu rosto. - Não lhe pedi um galho - E virou para o canto, sem me dar tempo de explicar que o baobá era demasiado frondoso, medindo cerca de dez metros de altura. Dias depois, como o dono do imóvel recusava-se vender a árvore separadamente, tive que adquirir toda a propriedade por um preço exorbitante. Fechado o negócio, contratei o serviço de alguns homens que, munidos de picaretas e de um guindaste, arrancaram o baobá do solo e o estenderam no chão. Feliz e saltitante, lembrando uma colegial, Bárbara passava as horas passeando sobre o grosso tronco. Nele também desenhava figuras, escrevia nomes. Encontrei o meu debaixo de um coração, o que muito me comoveu. Este foi, no entanto, o único gesto de carinho que dela recebi. Alheia à gratidão com que eu recebera a sua lembrança, assistiu ao murchar das folhas e, ao ver seco o baobá, desinteressou-se dele. Estava terrivelmente gorda. Tentei

afastá-la da obsessão, levando-a ao cinema, aos campos de futebol. (O menino tinha que ser carregado nos braços, pois anos após o seu nascimento continuava do mesmo tamanho, sem crescer uma polegada.) A primeira ideia que lhe ocorria, nessas ocasiões, era pedir a máquina de projeção ou a bola, com a qual se entretinham os jogadores. Fazia-me interromper, sob o protesto dos assistentes, a sessão ou a partida, a fim de lhe satisfazer a vontade. Muito tarde verifiquei a inutilidade dos meus esforços para modificar o comportamento de Bárbara. Jamais compreenderia o meu amor e engordaria sempre. Deixei que agisse como bem entendesse e aguardei resignadamente novos pedidos. Seriam os últimos. Já gastara uma fortuna com as suas excentricidades. Afetuosamente, chegou-se para mim, uma tarde, e me alisou os cabelos. Apanhado de surpresa, não atinei de imediato com o motivo do seu procedimento. Ela mesma se encarregou de mostrar a razão: - Seria tão feliz, se possuísse um navio! - Mas ficaremos pobres, querida. Não teremos com que comprar alimentos e o garoto morrerá de fome. - Não importa o garoto, teremos um navio, que é a coisa mais bonita do mundo. Irritado, não pude achar graça nas suas palavras. Como poderia saber da beleza de um barco, se nunca tinha visto um e se conhecia o mar somente através de uma garrafa?! Contive a raiva e novamente embarquei para o litoral. Dentre os transatlânticos ancorados no porto, escolhi o maior. Mandei que o desmontassem e o fiz transportar à nossa cidade. Voltava desolado. No último carro de uma das numerosas composições que conduziam partes do navio, meu filho olhava-me inquieto, procurando compreender a razão de tantos e inúteis apitos de trem. Bárbara, avisada por telegrama, esperava-nos na gare da estação. Recebeu-nos alegremente e até dirigiu um gracejo ao pequeno. Numa área extensa, formada por vários lotes, Bárbara acompanhou os menores detalhes da monta-

gem da nave. Eu permaneci sentado no chão, aborrecido e triste. Ora olhava o menino, que talvez nunca chegasse a caminhar com as suas perninhas, ora o corpo de minha mulher que, de tão gordo, vários homens, dando as mãos, uns aos outros, não conseguiriam abraçá-lo. Montado o barco, ela se transferiu para lá e não mais desceu à terra. Passava os dias e as noites no convés, inteiramente abstraída de tudo que não se relacionasse com a nau. O dinheiro escasso, desde a compra do navio, logo se esgotou. Veio a fome, o guri esperneava, rolava na relva, enchia a boca de terra. Já não me tocava tanto o choro de meu filho. Trazia os olhos dirigidos para minha esposa, esperando que emagrecesse à falta de alimentação. Não emagreceu. Pelo contrário, adquiriu mais algumas dezenas de quilos. A sua excessiva obesidade não lhe permitia entrar nos beliches e os seus passeios se limitavam ao tombadilho, onde se locomovia com dificuldade. Eu ficava junto ao menino e, se conseguia burlar a vigilância de minha mulher, roubava pedaços de madeira ou ferro do transatlântico e trocava-os por alimento. Vi Bárbara, uma noite, olhando fixamente o céu. Quando descobri que dirigia os olhos para a lua, larguei o garoto no chão e subi depressa até o lugar em que ela se encontrava. Procurei, com os melhores argumentos, desviar-lhe a atenção. Em seguida, percebendo a inutilidade das minhas palavras, tentei puxá-la pelos braços. Também não adiantou. O seu corpo era pesado demais para que eu conseguisse arrastá-lo. Desorientado, sem saber como proceder, encostei-me à amurada. Não lhe vira antes tão grave o rosto, tão fixo o olhar. Aquele seria o derradeiro pedido. Esperei que o fizesse. Ninguém mais a conteria. Mas, ao cabo de alguns minutos, respirei aliviado. Não pediu a lua, porém uma minúscula estrela, quase invisível a seu lado. Fui buscá-la.

Disponível no livro "O pirotécnico Zacarias" de Murilo Rubião (1995), pag.29

5º Momento: Após a leitura do texto anterior, apresente o outro conto:

Texto 2: O ABUTRE

O abutre bicava os meus pés. Já me havia dilacerado os sapatos e as meias, e agora bicava-me os próprios pés. Sempre que me arrancava um pedaço, voava, inquieto, várias vezes ao meu redor, e depois prosseguia o seu trabalho. Passou um cavaleiro, olhou-nos uns instantes e me perguntou por que eu tolerava o abutre.



– Estou indefeso – respondi. – Quando ele chegou e começou a me atacar, eu, naturalmente, tentei espantá-lo, e mesmo pensei em torcer-lhe o pescoço. Mas esses animais são muito fortes e este estava prestes a saltar à minha cara. Preferi sacrificar os pés. Agora eles estão quase despedaçados.

– Não se deixe atormentar com isto – disse o cavaleiro. – Basta um tiro e é o fim do abutre.

– Acha mesmo? – perguntei. – E o senhor faria isto por mim?

– Com prazer – disse o cavaleiro. – Só preciso apanhar meu fuzil em casa. Pode suportar mais meia hora?

– Não estou certo disto – respondi e, por um instante, fiquei rígido de dor. Depois, cresci:

– Por favor, tente de qualquer forma.

– Muito bem – disse o senhor –, irei o mais rápido que puder.

Em silêncio, o abutre ouvira tranquilamente o nosso diálogo e deixara vagar o olhar ente mim e o cavalheiro. Naquele instante, percebi que ele compreendia tudo. O abutre voou um pouco mais distante, recuou para obter um bom impulso e, como um atleta que arremessa o dardo, enfiou profundamente o bico em minha boca.

Ao cair de costas, senti-me aliviado. Senti que no meu sangue – e este me preenchia todas as profundidades e me inundava todas as margens – o abutre, irremediavelmente, se afogava.

Disponível em: <https://www.contosdeterror.site/2020/08/o-abutre-conto-insolito-franz-kafka.html>

6º Momento: Após a leitura dos contos, realize uma conversa sobre os textos e retome a folha do pensar e/ou cartão âncora para inferência.

A FOLHA E/OU CARTÃO ÂNCORA PARA INFERÊNCIA - TEXTO 1			
PALAVRA	SIGNIFICADO INFERIDO	DICAS DO TEXTO	FRASE DO TEXTO

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)

A FOLHA E/OU CARTÃO ÂNCORA PARA INFERÊNCIA - TEXTO 2

PALAVRA	SIGNIFICADO INFERIDO	DICAS DO TEXTO	FRASE DO TEXTO

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)

7º **Momento:** Com a finalização deste preenchimento, entregue aos alunos o quadro recapitulativo para a inferência.

QUADRO RECAPITULATIVO PARA A INFERÊNCIA - TEXTO 1

CITAÇÃO OU GRAVURA DO TEXTO	INFERÊNCIA
O que foi possível inferir do título do conto?	

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)

QUADRO RECAPITULATIVO PARA A INFERÊNCIA - TEXTO 2	
CITAÇÃO OU GRAVURA DO TEXTO	INFERÊNCIA
O que foi possível inferir do título do conto?	

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)

8º Momento: Após o preenchimento, entregue a folha do pensar para inferência que poderá ou não confirmar as anotações feitas pelos alunos.

A FOLHA DO PENSAR PARA INFERÊNCIA - TEXTO 1		
Anote aqui suas inferências	Inferência confirmada	Inferência NÃO confirmada

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)

A FOLHA DO PENSAR PARA INFERÊNCIA - TEXTO 2

Anote aqui suas inferências	Inferência confirmada	Inferência NÃO confirmada

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)

OFICINA 3 - ESTRATÉGIA VISUALIZAÇÃO E ESTRATÉGIA SUMARIZAÇÃO

TEMA: Oficina de Leitura “Teleco, o coelhinho” de Murilo Rubião.

OBJETIVOS: Desenvolver a estratégia de leitura visualização e a estratégia de leitura sumarização.

EIXOS DE APRENDIZAGEM: Leitura e Oralidade.

EIXOS DE LEITURA: Aprender os sentidos globais do texto; Reconhecer/inferir o tema; Buscar, selecionar, tratar, analisar e usar informações, tendo em vista diferentes objetivos.

HABILIDADE: (EF67LP28)

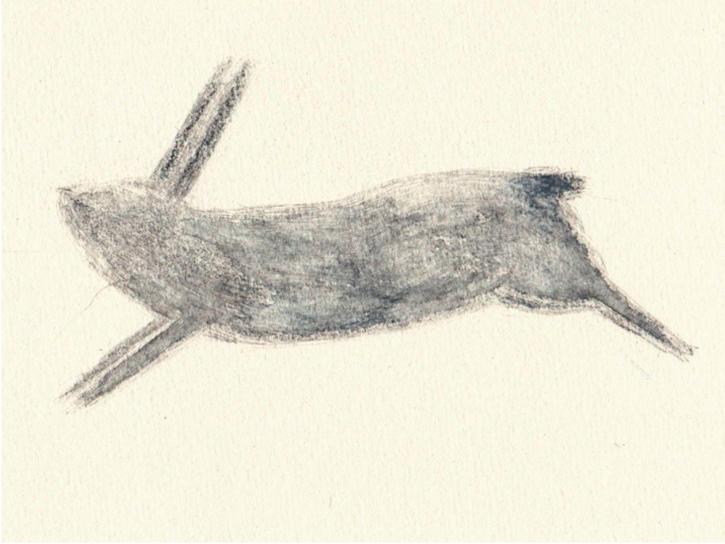
DURAÇÃO: 60 minutos

RECURSOS: Aplicativo Google Meet, cópia xerocada Do conto fantástico “Teleco, o coelhinho” de Murilo Rubião, quadro âncora para a visualização e folha de apoio para visualização, quadro de conhecimento prévio, formulário de conhecimento prévio, quadro de síntese para sumarização e folha do pensar para sumarização, lápis, lápis de cor, borracha.

ANTES DO TEXTO:

1º Momento: Perguntar para os alunos se eles sabem o que é visualização e sumarização, utilizar o início da oficina para discussão e anotar as observações dos alunos.

2º Momento: Falar sobre o conto e entregar o texto.



TELECO, O COELHINHO

— Moço, me dá um cigarro?

A voz era sumida, quase um sussurro. Permaneci na mesma posição em que me encontrava, frente ao mar, absorvido com ridículas lembranças.

O importuno pedinte insistia:

— Moço, oh! Moço! Moço, me dá um cigarro?

Ainda com os olhos fixos na praia, resmunguei:

— Vá embora, moleque, senão chamo a polícia.

— Está bem, moço. Não se zangue. E, por favor; saia da minha frente, que eu também gosto de ver o mar.

Exasperou-me a insolência de quem assim me tratava e virei-me, disposto a es-corraçá-lo com um pontapé. Fui desarmado, entretanto. Diante de mim estava um coelhinho cinzento, a me interpelar delicadamente:

— Você não dá é porque não tem, não é, moço?

O seu jeito polido de dizer as coisas comoveu-me. Dei-lhe o cigarro e afastei-me para o lado, a fim de que melhor ele visse o oceano. Não fez nenhum gesto de agra-decimento, mas já então conversávamos como velhos amigos. Ou, para ser mais exato somente o coelhinho falava. Contava-me acontecimentos extraordinários, aventuras tamanhas que o supus com mais idade do que realmente aparentava.

Ao fim da tarde, indaguei onde ele morava. Disse não ter morada certa. A rua era o seu pouso habitual. Foi nesse momento que reparei nos seus olhos. Olhos mansos e tristes. Deles me apiei e convidei-o a residir comigo. A casa era gran-de e morava sozinho acrescentei.

A explicação não o convenceu. Exigiu-me que revelasse minhas reais intenções:

— Por acaso, o senhor gosta de carne de coelho?

Não esperou pela resposta:

— Se gosta, pode procurar outro, porque a versatilidade é o meu fraco.

Dizendo isto, transformou-se numa girafa.

— A noite — prosseguiu — serei cobra ou pombo. Não lhe importará a compa-nhia de alguém tão instável?

Respondi-lhe que não e fomos morar juntos.

Chamava-se Teleco.

Depois de uma convivência maior, descobri que a mania de metamorfosear-se em outros bichos era nele simples desejo de agradar ao próximo. Gostava de ser gentil com crianças e velhos, divertindo-os com hábeis malabarismos ou prestando-lhes ajuda. O mesmo cavalo que, pela manhã, galopava com a gurizada, à tardinha, em lento caminhar, conduzia anciãos ou inválidos às suas casas.

Não simpatizava com alguns vizinhos, entre eles o agiota e suas irmãs, aos quais costumava aparecer sob a pele de leão ou tigre. Assustava-os mais para nos divertir que por maldade. As vítimas assim não entendiam e se queixavam à polícia, que perdia o tempo ouvindo as denúncias. Jamais encontraram em nossa residência, vasculhada de cima a baixo, outro animal além do coelhinho. Os investigadores irritavam-se com os queixosos e ameaçavam prendê-los.

Apenas uma vez tive medo de que as travessuras do meu irrequieto companheiro nos valessem sérias complicações. Estava recebendo uma das costumeiras visitas do delegado, quando Teleco, movido por imprudente malícia, transformou-se repentinamente em porco-do-mato. A mudança e o retorno ao primitivo estado foram bastante rápidos para que o homem tivesse tempo de gritar. Mal abrira a boca, horrorizado, novamente tinha diante de si um pacífico coelho:

— O senhor viu o que eu vi?

Respondi, forçando uma cara inocente, que nada vira de anormal.

O homem olhou-me desconfiado, alisou a barba e, sem se despedir, ganhou a porta da rua.

A mim também me pregava peças. Encontrava-se vazia a casa, já sabia que ele andava escondido em algum canto, dissimulado em algum pequeno animal. Ou mesmo no meu corpo sob a forma de pulga, fugindo-me dos dedos, correndo pelas minhas costas. Quando começava a me impacientar e pedia-lhe que parasse com a brincadeira, não raro levava tremendo susto. Debaixo das minhas pernas crescera um bode que, em disparada, me transportava até o quintal. Eu me enraivecia, prometia-lhe uma boa surra. Simulando arrependimento, Teleco dirigia-me palavras afetuosas e logo fazíamos as pazes.

No mais, era o amigo dócil, que nos encantava com inesperadas mágicas. Amava as cores e muitas vezes surgia transmudado em ave de todas as espécies inteiramente desconhecidas ou de raça já extinta.

— Não existe pássaro assim!

— Sei. Mas seria insípido disfarçar-me somente em animais conhecidos.

O primeiro atrito grave que tive com Teleco ocorreu um ano após nos conhecermos. Eu regressava da casa da minha cunhada Emi, com quem discutira asperamente sobre negócios de família. Vinha mal-humorado e a cena que deparei ao abrir a porta da entrada, agravou minha irritação. De mãos dadas, sentados no sofá da sala de visitas, encontravam-se uma jovem mulher e um mofino canguru. As roupas dele eram mal talhadas, seus olhos se escondiam por trás de uns óculos de metal ordinário.

— O que deseja a senhora com esse horrendo animal? — perguntei, aborrecido por ver minha casa invadida por estranhos.

— Eu sou o Teleco — antecipou-se, dando uma risadinha.

Mirei com desprezo aquele bicho mesquinho, de pelos ralos, a denunciar subserviência e torpeza. Nada nele me fazia lembrar o travesso coelhinho.

Neguei-me a aceitar como verdadeira a afirmação, pois Teleco não sofria da vista e se quisesse apresentar-se vestido teria o bom gosto de escolher outros trajes que não aqueles.

Ante a minha incredulidade, transformou-se numa perereca. Saltou por cima dos móveis, pulou no meu colo. Lancei-a longe, cheio de asco.

Retomando a forma de canguru, inquiriu-me, com um ar extremamente grave:

— Basta esta prova?

— Basta. E daí? O que você quer?

— De hoje em diante serei apenas homem.

— Homem? — indaguei atônito. Não resisti ao ridículo da situação e dei uma gargalhada:

— E isso? Apontei para a mulher. É uma lagartixa ou um filhote de salamandra?

Ela me olhou com raiva. Quis retrucar, porém ele atalhou:

— É Tereza. Veio morar conosco. Não é linda?

Sem dúvida, linda. Durante a noite, na qual me faltou o sono, meus pensamentos giravam em torno dela e da cretinice de Teleco em afirmar-se homem.

Levantei-me de madrugada e me dirigi à sala, na expectativa de que os fatos do dia anterior não passassem de mais um dos gracejos do meu companheiro.

Enganava-me. Deitado ao lado da moça, no tapete do assoalho, o canguru ressonava alto. Acordei-o, puxando-o pelos braços:

— Vamos, Teleco, chega de trapaça.

Abriu os olhos, assustado, mas, ao reconhecer-me, sorriu:

— Teleco?! Meu nome é Barbosa, Antônio Barbosa, não é, Tereza?

Ela, que acabara de despertar, assentiu, movendo a cabeça. Explodi, encolerizado:

— Se é Barbosa, rua! E não me ponha mais os pés aqui, filho de um rato!

Desceram-lhe as lágrimas pelo rosto e, ajoelhado, na minha frente, acariciava minhas pernas, pedindo-me que não o expulsasse de casa, pelo menos enquanto procurava emprego.

Embora encarasse com ceticismo a possibilidade de empregar-se um canguru, seu pranto me demoveu da decisão anterior, ou, para dizer a verdade toda, fui persuadido pelo olhar súplice de Tereza que, apreensiva, acompanhava o nosso diálogo.

Barbosa tinha hábitos horríveis. Amiúde cuspi no chão e raramente tomava banho, não obstante a extrema vaidade que o impelia a ficar horas e horas diante do espelho. Utilizava-se do meu aparelho de barbear, da minha escova de dente e pouco serviu comprar-lhe esses objetos, pois continuou a usar os meus e os dele. Se me queixava do abuso, desculpava-se, alegando distração.

Também a sua figura tosca me repugnava. A pele era gordurosa, os membros

curtos, a alma dissimulada. Não media esforços para me agradar, contando-me anedotas sem graça, exagerando nos elogios à minha pessoa.

Por outro lado, custava tolerar suas mentiras e, às refeições, a sua maneira ruidosa de comer, enchendo a boca de comida com auxílio das mãos.

Talvez por ter-me abandonado aos encantos de Tereza, ou para não desagradá-la, o certo é que aceitava, sem protesto, a presença incômoda de Barbosa.

Se afirmava ser tolice de Teleco querer nos impor sua falsa condição humana, ela me respondia com uma convicção desconcertante:

— Ele se chama Barbosa e é um homem.

O canguru percebeu o meu interesse pela sua companheira e, confundindo a minha tolerância como possível fraqueza, tornou-se atrevido e zombava de mim quando o recriminava por vestir minhas roupas, fumar dos meus cigarros ou subtrair dinheiro do meu bolso.

Em diversas ocasiões, apelei para a sua frouxa sensibilidade, pedindo-lhe que voltasse a ser coelho.

— Voltar a ser coelho? Nunca fui bicho. Nem sei de quem você fala.

— Falo de um coelhinho cinzento e meigo, que costumava se transformar em outros animais.

Nesse meio tempo, meu amor por Tereza oscilava por entre pensamentos sombrios, e tinha pouca esperança de ser correspondido. Mesmo na incerteza, decidi propor-lhe casamento.

Fria, sem rodeios, ela encerrou o assunto:

— A sua proposta é menos generosa do que você imagina. Ele vale muito mais.

As palavras usadas para recusar-me convenceram-me de que ela pensava explorar de modo suspeito às habilidades de Teleco.

Frustrada a tentativa do noivado, não podia vê-los juntos e íntimos, sem assumir uma atitude agressiva.

O canguru notou a mudança no meu comportamento e evitava os lugares onde me pudesse encontrar.

Uma tarde, voltando do trabalho, minha atenção foi alertada pelo som ensurdecido da eletrola, ligada com todo o volume. Logo ao abrir a porta, senti o sangue afluir-me à cabeça: Tereza e Barbosa, os rostos colados, dançavam um samba indecente.

Indignado, separei-os. Agarrei o canguru pela gola e, sacudindo-o com violência, apontava-lhe o espelho da sala:

— É tu, não é um animal?

— Não, sou um homem! — E soluçava, esperneando, morto de medo pela fúria que via nos meus olhos.

A Tereza, que acudira, ouvindo seus gritos, pedia:

— Não sou um homem, querida? Fala com ele:

— Sim, amor, você é um homem.

Por mais absurdo que me parecesse, havia uma trágica sinceridade na voz deles. Eu me decidira, porém. Joguei Barbosa ao chão e lhe esmurrei a boca. Em seguida, enxotei-os.

Ainda da rua, muito excitada, ela me advertiu:

— Farei de Barbosa um homem importante, seu porcaria!

Foi a última vez que os vi. Tive, mais tarde, vagas notícias de um mágico chamado Barbosa a fazer sucesso na cidade. A falta de maiores esclarecimentos, acreditei ser mera coincidência de nomes.

A minha paixão por Tereza se esfumara no tempo e voltara o interesse pelos selos. As horas disponíveis eu as ocupava com a coleção.

Estava, uma noite, precisamente colando exemplares raros, recebidos na véspera, quando saltou, janela adentro, um cachorro. Refeito do susto, fiz menção de correr o animal. Todavia não cheguei a enxotá-lo.

— Sou o Teleco, seu amigo, afirmou, com uma voz excessivamente trêmula e triste, transformando-se em uma cotia.

— E ela?... — perguntei com simulada displicência.

— Tereza... — sem que concluísse a frase, adquiriu as formas de um pavão. — Havia muitas cores... O circo... Ela estava linda... Foi horrível... — prosseguiu, chocalhando os guizos de uma cascavel.

Seguiu-se breve silêncio, antes que voltasse a falar:

— O uniforme... muito branco... cinco cordas... amanhã serei homem... — as pa-

lavras saíam-lhe espremidas, sem nexo, à medida que Teleco se metamorfoseava em outros animais.

Por um momento, ficou a tossir. Uma tosse nervosa. Fraca, a princípio, ela avultava com as mutações dele em bichos maiores, enquanto eu lhe suplicava que se aquietasse. Contudo ele não conseguia controlar-se.

Debalde tentava exprimir-se. Os períodos saltavam curtos e confusos.

— Pare com isso e fale mais calmo — insistia eu, impaciente com as suas contínuas transformações.

— Não posso, tartamudeava, sob a pele de um lagarto.

Alguns dias transcorridos perdurava o mesmo caos. Pelos cantos, a tremer, Teleco se lamuriava, transformando-se seguidamente em animais os mais variados. Gaguejava muito e não podia alimentar-se, pois a boca, crescendo e diminuindo, conforme o bicho que encarnava na hora, nem sempre combinava com o tamanho do alimento. Dos seus olhos, então, escorriam lágrimas que, pequenas nos olhos miúdos de um rato, ficavam enormes na face de um hipopótamo.

Ante a minha impotência em diminuir-lhe o sofrimento, abraçava-me a ele, chorando. O seu corpo, porém, crescia nos meus braços, atirando-me de encontro à parede.

Não mais falava: mugia, crocitava, zurrava, guinchava, bramia, triscava.

Por fim, já menos intranquilo, limitava as suas transformações a pequenos animais, até que se fixou na forma de um carneirinho, a balir tristemente. Colhi-o nas mãos e senti que seu corpo ardia em febre, transpirava.

Na última noite, apenas estremecia de leve e, aos poucos, se aquietou. Cansado pela longa vigília, cerrei os olhos e adormeci. Ao acordar, percebi que uma coisa se transformara nos meus braços. No meu colo estava uma criança encardida, sem dentes. Morta.

Disponível no livro "O pirotécnico Zacarias" de Murilo Rubião (1995), pag.21

3º Momento: Após a leitura do conto, entregue a folha de apoio para a visualização.

FOLHA DE APOIO PARA A VISUALIZAÇÃO	
ALUNO:	
O que visualiza ao ler o título do conto? Desenhe e/ou escreva:	

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)

4º Momento: Após o preenchimento do quadro acima, estabeleça um diálogo com os alunos e entregue o quadro âncora para a visualização.

QUADRO ÂNCORA PARA A VISUALIZAÇÃO

ALUNO:			
EU VISUALIZO A FIM DE:	SIM	NÃO	OBSERVAÇÃO
Fazer previsões e inferências			
Esclarecer algum aspecto do texto			
Lembrar			
EU VISUALIZO:			
Personagens, pessoas, criaturas			
Ilustrações ou características do texto			
Eventos e/ou fatos			
Espaço e/ou lugar			
EU VISUALIZO, USANDO:			
Meus sentidos (olfato, audição, paladar ou sentimentos)			
Minha reação física (calor, frio, com sede, estômago doendo etc.)			
Uma reação emocional (alegria, tristeza, ânimo, solidão etc.)			

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)

5º Momento: Após o preenchimento do quadro, entregue a folha de apoio para uma segunda visualização e estabeleça um diálogo com o aluno.

FOLHA DE APOIO PARA A VISUALIZAÇÃO

ALUNO:

O que visualizou ao terminar a leitura do conto? Desenhe e/ou escreva:

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)

6º Momento: Professor: pergunte aos alunos o que eles perceberam com as observações que eles realizaram.

7º Momento: Com a resposta dos alunos, será a hora de avançar para a segunda parte, a sumarização. Com isso, entregue aos alunos o formulário de conhecimento prévio.

FORMULÁRIO DE CONHECIMENTO PRÉVIO

ALUNO:

TIPOLOGIA TEXTUAL:

TÍTULO DO TEXTO:

Conhecimento prévio

Escreva os fatos que você imaginava sobre o texto antes da leitura.

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)

8º Momento: Com a finalização deste quadro, entregue a folha do pensar para finalizar a estratégia da sumarização.

FOLHA DO PENSAR PARA A SUMARIZAÇÃO	
ALUNO:	
1. Escreva algo que aprendeu sobre o assunto e que acha importante lembrar.	
2. Desenhe, no texto, uma linha embaixo da informação que acha importante e transcreva a seguir essa informação.	
3. Escreva o que acha que o autor mais queria que aprendesse e lembrasse com a leitura.	

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)

OFICINA 4 - ESTRATÉGIA SÍNTESE

TEMA: Oficina de Leitura “Pequena conversa com a Múmia” de Edgar Allan Poe.

OBJETIVOS: Desenvolver a estratégia de leitura síntese.

EIXOS DE APRENDIZAGEM: Leitura e oralidade.

EIXOS DE LEITURA: Buscar, selecionar, tratar, analisar e usar informações, tendo em vista diferentes objetivos.

HABILIDADE: (EF69LP44), (EF67LP28)

DURAÇÃO: 60 minutos

RECURSOS: Aplicativo Google Meet, cópia xerocada Do conto fantástico “Pequena conversa com a Múmia” de Edgar Allan Poe, formulário para síntese, lápis, borracha.

METODOLOGIA:

ANTES DO TEXTO:

1º Momento: Perguntar para os alunos se eles sabem o que é síntese, utilizar o início da oficina para discussão e anotar as observações dos alunos.

2º Momento: Falar sobre o conto e entregar o texto.



PEQUENA CONVERSA COM A MÚMIA

O banquete da noite precedente me abalara um tanto os nervos. Estava com uma forte dor de cabeça e sentia-me desesperadamente sonolento. Em vez de sair, portanto, para passar a noite fora, como tencionava, ocorreu-me que o que melhor poderia fazer, após saborear uma pequena ceia, era meter-me logo na cama.

Uma ceia, leve, sem dúvida. Gosto imensamente de queijo derretido com cerveja e torrada quente. Mais de uma libra de uma vez, porém, pode nem sempre ser aconselhável. Entretanto, não pode haver objeção material a duas. E realmente, entre duas e três, há apenas uma unidade de diferença. Arrisquei-me, talvez, a quatro. Minha mulher afirma que foram cinco – mas, certamente, confundi duas coisas bem distintas. O número abstrato, cinco, estou disposto a admiti-lo; mas, concretamente, refere-se a garrafas de cerveja preta, sem as quais, a modo de tempero, aquele manjar deve ser evitado.

Tendo dessa forma concluído uma refeição frugal e colocado na cabeça meu barrete de dormir, com a suave esperança de gozar dele, até o meio-dia seguinte, repousei a cabeça no travesseiro e, graças a uma excelente consciência, mergulhei sem demora no mais profundo sono.

Mas quando teve a humanidade realizadas as suas esperanças? Não completara ainda meu terceiro ronco, quando a campainha da porta da rua começou a tocar violentamente e, depois, impacientes pancadas com a aldrava me despertaram incontinenti. Um minuto depois, e enquanto ainda esfregava os olhos, meteu-me minha mulher diante do nariz um bilhete, de meu velho amigo, o Dr. Ponnonner.

“Largue tudo imediatamente, meu caro e bom amigo, logo que receba este. Venha participar de nossa alegria. Afinal, depois de longa e perseverante diplomacia, obtive o consentimento dos diretores do Museu da Cidade, para examinar a Múmia. (Você sabe a que múmia me refiro). Tenho permissão de desenfaixá-la e abri-la, se for preciso. Estarão presentes apenas poucos amigos — você é um deles — está claro. A Múmia acha-se agora em minha casa e começaremos a desenrolá-la, às onze horas da noite. Sempre seu Ponnonner”.

Ao chegar à assinatura de “Ponnonner”, senti que já me achava tão desperto quanto um homem necessita estar. Saltei da cama, num estado de êxtase, derrubando tudo quanto se encontrava em meu caminho; vesti-me com uma rapidez verdadeiramente incrível, e dirigi-me, a toda pressa, para a casa do doutor.

Ali encontrei reunido um grupo bem ansioso. Aguardavam minha chegada, com grande impaciência. A Múmia estava estendida sobre a mesa de jantar, e logo que entrei o exame dela foi começado.

Era uma das múmias trazidas, muitos anos atrás, pelo Capitão Artur Sabrestash, primo de Ponnonner, de um túmulo perto de Eleithias, nas montanhas da Líbia, a grande distância de Tebas, às margens do Nilo. As grutas nesse lugar, embora menos magníficas que os sepulcros de Tebas, despertam mais interesse, pelo fato de oferecerem maior número de ilustrações sobre a vida privada dos egípcios. A sala, donde fora retirado o nosso exemplar, era, dizia-se, riquíssima de tais ilustrações, estando as paredes inteiramente recobertas de pinturas a fresco e de baixos-relevos, enquanto estátuas, vasos e mosaicos de magníficos desenhos, indicavam a valiosa fortuna dos mortos.

A preciosidade fora depositada no museu, exatamente nas mesmas condições em que o Capitão Sabrestash a havia descoberto, isto é, o sarcófago estava intacto. Durante oito anos, assim permanecera, exposto apenas, externamente, à curiosidade pública. Tínhamos pois agora a Múmia completa à nossa disposição; e para aqueles que sabem quão raramente chegam intactas às nossas plagas as antigüidades, torna-se evidente, logo, que possuíamos razões de sobra, para congratularmo-nos por nossa boa sorte.

Aproximando-me da mesa, vi sobre ela, uma grande caixa, ou estojo, de quase sete pés de comprimento e talvez com três pés de largura, por dois e meio de profundidade. Era oblonga, mas sem forma de ataúde. Julgamos a princípio que o material empregado fora a madeira do alcômore, contudo, logo ao cortá-lo, verificamos que era papelão, ou mais propriamente, papel comprimido, feito de papiro. Estava densamente ornamentada de pinturas, representando cenas funerárias e outros assuntos fúnebres, entre os quais serpeavam, nas mais variadas posições, numerosas séries de caracteres hieróglifos, significando, sem dúvida, o

nome do falecido. Por felicidade, fazia parte do nosso grupo, o Sr. Gliddon, que não teve dificuldade em traduzir os caracteres, simplesmente fonéticos e representando a palavra Allamistakeo.

Não foi sem esforço que conseguimos abrir a caixa, sem danificá-la, mas tendo finalmente conseguido o que desejávamos, chegamos a uma segunda, em forma de ataúde, e de tamanho consideravelmente menor, que o da de fora, mas, semelhante a ela, exatamente, sob todos os aspectos. O intervalo entre as duas estava preenchido de resina que havia, até certo ponto, apagado as cores da caixa interna.

Ao abrir esta última (trabalho que executamos com bastante felicidade) demos com uma terceira caixa, também em forma de ataúde, e não se diferenciando da segunda em nada de particular a não ser no material de que era feita, de cedro, e ainda exalava o odor característico e altamente aromático dessa madeira. Entre a segunda a terceira e caixa, não havia intervalo, estando uma encerrada ajustadamente dentro da outra.

Removendo a terceira caixa, descobrimos o próprio corpo, que tiramos para fora. Esperávamos encontrá-lo, como de costume, enrolado em numerosas faixas, ou ataduras de linho; mas, em lugar destas, encontramos uma espécie de bainha, feita de papiro, e revestida duma camada de gesso, densamente dourada e pintada. As pinturas representavam assuntos relativos a vários supostos deveres da alma, e sua apresentação a diferentes divindades, com numerosas figuras humanas idênticas, intentando representar, bem provavelmente, retratos das pessoas embalsamadas. Estendendo-se da cabeça aos pés, havia uma inscrição colunar ou perpendicular, em hieróglifos fonéticos, dando de novo seu nome e títulos de seus parentes.

Em volta do pescoço, assim desembainhado, havia um colar de contas coloridas e colocadas de modo a formar imagens de divindades, do escaravelho etc., com o globo alado. Na parte mais delgada da cintura, havia um colar semelhante a um cinturão.

Retirando o papiro, encontramos a carne em excelente estado de preservação, sem nenhum odor perceptível. A cor era avermelhada. A pele rija, macia e lustrosa. Os dentes e os cabelos achavam-se em boas condições. Os olhos (parecia) tinham sido arrancados e substituídos por outros de vidro, muito bonitos e imitando perfeitamente os naturais, sem exceção da fixidez do olhar, um tanto acentuada. Os dedos e as unhas estavam brilhantemente dourados.

O Sr. Gliddon foi de opinião, em face do vermelho da epiderme, que o embalsamento se efetuara, totalmente, por meio de asfalto; mas tendo raspado a superfície, com um instrumento de aço, e lançado ao fogo um pouco de pó, assim obtido, o odor de cânfora e de outras gomas aromáticas se tornou sensível.

Rebuscamos bem atentamente o cadáver, para encontrar as aberturas usuais, pelas quais são extraídas as entranhas, mas, com surpresa nossa, nenhuma descobrimos. Nenhum dos presentes, nessa ocasião, sabia ainda que não são raras de encontrar múmias inteiras, ou não cortadas. O cérebro era habitualmente retirado pelo nariz; os intestinos, por incisão ao lado; o corpo era em seguida, raspado, lavado e salgado; depois deixavam-no assim, durante várias semanas, quando começavam a operação de embalsamamento, propriamente dita.

Como não fosse possível encontrar nenhum sinal de abertura, preparava o Dr. Ponnonner, os instrumentos para a dissecação, quando observei, então, que já passava das duas horas. Por esse motivo todos concordaram em deixar para de-

pois o exame interno, para a noite seguinte e já nos dispúnhamos a separar-nos, quando alguém sugeriu uma ou duas experiências com a pilha de Volta.

A aplicação da eletricidade a uma múmia velha de três ou quatro mil anos, pelo menos, era uma idéia se não bastante sensata, contudo suficientemente original e todos a acolhemos sem protesto. Com quase um décimo de seriedade e nove décimos de brincadeiras, dispusemos uma bateria no gabinete do Doutor e para lá levamos o egípcio.

Só depois do muito trabalho, foi que conseguimos pôr a nu algumas partes do músculo temporal, que se mostrou com menos rigidez pétrea, do que outras parte do corpo, mas que, como sem dúvida prevíamos, não dava indício de suscetibilidade galvânica, quando em contato com o fio.

Esta primeira experiência, de fato, pareceu decisiva e, com uma cordial risada ao nosso próprio absurdo, estávamos dando boa-noite uns aos outros, quando, casualmente, meus olhos fitaram os da múmia, e ficaram neles cravados de espanto. Meu breve olhar, na verdade, bastara para assegurar-me de que es glóbulos, que todos nós julgávamos de vidro e que, anteriormente, se distinguiam por certa fixidez estranha, estavam agora tão bem recobertos pela pálpebras, que só uma pequena parte da Túnica Albugínea permanecia visível.

Com um grito, chamei a atenção para e fato, que se tornou logo evidente a todos.

Não posso dizer que fiquei alarmado, diante do fenômeno, porque, no meu caso, “alarmado” não é bem o termo. É possível, porém, que, sem as cervejas pretas talvez me tivesse sentido um pouco nervoso. Quanto a meus companheiros, não tentaram ocultar o terror alarmante, que deles se apossara. O Dr. Ponnonner

causava lástima. O Sr. Gliddon, graças a não sei que processo especial, tornara-se invisível. Creio que o Sr. Silk Buckingham não terá por certo a coragem de negar, que se arrastou de quatro pés para baixo da mesa.

Depois do primeiro choque de espanto, porém, resolvemos, como coisa natural, tentar, imediatamente, nova experiência. Nossas operações se dirigiram agora para o artelho do pé direito.

Fizemos uma incisão por cima da parte exterior do osso sesamoideum pollicis pedis e assim chegamos à raiz do músculo obductor.

Reajustando a bateria, aplicamos então o fluido aos nervos expostos, quando, com um movimento de excessiva vivacidade, a Múmia, primeiro levantou e joelho direito, a ponto de pô-lo quase em contato com o abdômem, e depois, endireitando com inconcebível força, acertou um pontapé no doutor Ponnonner, tendo, com efeito, lançado este cavalheiro, como o dardo duma catapulta, pela janela lá abaixo na rua. Precipitamo-nos, en masse, para ir buscar os restos despedaçados da vítima, mas tivemos a felicidade de encontrá-la na escada, subindo numa pressa inconcebível, repleta da mais ardente filosofia e mais do que nunca convencida da necessidade de prosseguir nossa experiência com vigor e com zelo.

Foi a conselho seu, portanto, que fizemos, sem demora, uma profunda incisão, na ponta do nariz do paciente, enquanto o próprio doutor deitando mãos fortes sobre ele, punha-o em vibrante contato com o fio. Moral e fisicamente, figurativa e literalmente, o efeito foi elétrico. Em primeiro lugar, o cadáver abriu os olhos, e piscou com bastante rapidez, durante alguns minutos, como o faz o Sr. Barnus na pantomima; em segundo lugar, espirrou; em terceiro, sentou-se; Em quarto, agitou

o punho diante do rosto do Dr. Ponnonner; em quinto, voltando-se para os Srs. Gliddon e Buckingham, dirigiu-se-lhes, no mais puro egípcio, da seguinte maneira:

— Devo dizer-vos, cavalheiros, que estou tão surpreso quanto mortificado pela vossa conduta. Do Dr. Ponnonner, nada de melhor se poderia esperar. É um pobre toleirão, que nada sabe de nada. Tenho pena dele e perdôo-lhe. Mas vós, Sr. Gliddon, e vós Silk, que viajastes pelo Egito, e lá residistes, a ponto de poder crer que lá houvésseis estado desde o berço – vós, digo eu, que tanto vivestes entre nós a ponto de falardes o egípcio tão bem, penso, como escreveis vossa língua materna – vós, a quem sempre fui levado a olhar, como o amigo fiel das múmias – realmente, esperava de vós uma conduta mais cavalheiresca. Que devo pensar de vossa atitude tranqüila, vendo-me assim tão estupidamente tratado? Que devo supor de vós, consentindo que Fulano, Sicrano e Beltrano me arranquem dos meus caixões, tirem-me as roupas, neste clima miseravelmente frio? Sob que aspecto (para acabar com isto) deve encarar o fato de estardes a ajudar e incitar esse miserável velhaco do Dr. Ponnonner a puxar-me o nariz?

Há de supor-se, sem dúvida, que, ao ouvir tal discurso, naquelas circunstâncias, todos nós corremos para a porta, ou caímos em violentos ataques histéricos ou mesmo desmaiamos todos. Uma destas três coisas, digo eu, era de esperar. De fato, cada uma dessas três maneiras de proceder poderia ter sido seguida. E, palavra de honra, não posso compreender como, ou por que foi, que não fizemos nem uma coisa nem outra.

Mas talvez, a verdadeira razão esteja no espírito deste tempo, que procede totalmente de acordo com a regra dos contrários, e é agora usualmente admitida como solução de todos os paradoxos e impossibilidades. Ou talvez, quem sabe, foi somente o ar excessivamente natural e familiar da Múmia, que destituía suas

palavras de seu aspecto terrível. Seja o que for, os fatos são claros, e nenhum dos presentes demonstrou qualquer medo particular, ou pareceu acreditar que se houvesse passado qualquer coisa de especialmente irregular.

Quanto a mim, achava-me convencido de que tudo aquilo estava direito e simplesmente me coloquei do lado, fora do alcance do punho da múmia. O Dr. Ponnonner meteu as mãos nos bolsos das calças, fitou diretamente a múmia e ficou excessivamente vermelho.

O Sr. Gliddon cofiava suas suíças e ajeitava o colarinho da camisa. O Sr. Buckingham baixou a cabeça e meteu o polegar direito no canto esquerdo da boca.

O egípcio olhou-o, com expressão severa, durante alguns minutos, e disse, por fim, com escárnio:

— Por que não fala, Sr. Buckingham? Ouviu ou não e que lhe perguntei? Tire o polegar da boca!

O Sr. Buckingham, em conseqüência, teve um leve sobressalto, tirou o polegar direito do canto esquerdo da boca e, a título de indenização, inseriu o polegar esquerdo, no canto esquerdo da abertura acima mencionada.

Não tendo conseguido arrancar uma resposta do Sr. Buckingham, a Múmia se voltou, de mau humor, para o Sr. Gliddon e, em tom peremptório, perguntou, em termos gerais, o que todos nós queríamos.

O Sr. Gliddon depois de grande demora, respondeu em termos fonéticos; e, não fosse a deficiência de caracteres hieroglíficos nas tipografias americanas, grande prazer me seria dado, em transcrever aqui, no original, todo seu excelente discurso.

Aproveito a ocasião para observar que toda a conversa subsequente, em que a Múmia tomou parte, foi travada em egípcio primitivo, por intermédio (pelo menos no que se refere a mim e aos outros membros não viajados do grupo) dos Srs. Gliddon e Buckingham, como intérpretes.

Esses cavalheiros falavam a língua materna da Múmia com inimitável fluência e graça; mas não posso deixar de observar que (devido, sem dúvida, à introdução de imagens inteiramente modernas e, como é natural, inteiramente novas para o estranho) os dois exploradores foram, por vezes, forçados ao emprego de formas visíveis, para traduzir algum significado especial.

Em dado momento, por exemplo, o Sr. Gliddon não pode fazer o egípcio compreender a palavra “política”, enquanto não esboçou sobre a parede, com um pedaço de carvão, um homenzinho de nariz cônico, cotovelos esburacados, de pé sobre um cepo, com a perna esquerda lançada para trás, o braço direito atirado para a frente, o punho fechado, os olhos girando pelo céu e a boca aberta, num ângulo de noventa graus. De modo bem igual, o Sr. Buckingham não conseguiria explicar a idéia absolutamente moderna de “whig”, sem que (a uma sugestão do Dr. Ponnonner) empalidecendo, tirasse o chinó.

Facilmente se compreenderia que o discurso do Sr. Gliddon versou principalmente sobre os vastos benefícios, extraídos para a ciência, do desempacotamento e do escavamento das múmias, desculpando-se, desse modo, por qualquer incômodo, que pudesse ter-lhe sido causado, pessoalmente, à Múmia chamada Allamistakeo; e concluindo com uma simples insinuação (pois mal podia ser considerada mais do que isso) de que, explicados agora esses pequenos pormenores, muito bem se poderia continuar a investigação pretendida. Nesse ponto o Dr. Ponnonner preparou seus instrumentos.

Relativamente às últimas sugestões do orador, parece que Allamistakeo teve certos escrúpulos de consciência, sobre cuja natureza não fui precisamente informado; manifestou-se, porém, satisfeito com as desculpas apresentadas e, descendo da mesa, fez volta ao grupo, apertando a mão de todos.

Quando terminou esta cerimônia, ocupamo-nos, imediatamente, em reparar os danos infligidos ao sujeito pelo escalpelo. Costuramos o ferimento de sua têmpora, pusemos-lhe uma atadura no pé e aplicamos uma plegada quadrada de emplastro preto, na ponta do nariz.

Observou-se então que o Conde (era esse, parece, o título de Allamistakeo) teve um leve tremor, sem dúvida de frio.

O Doutor imediatamente encaminhou-se para o seu armário e logo voltou com uma casaca preta, pelo melhor figurino de Jennings, um par de calças de xadrez, azul-celeste, uma camisa de gingão cor de rosa, um colete de brocado com abas, um sobretudo branco, uma bengala de passeio com ganho, um chapéu sem aba, botinas de verniz, luvas de pele de cabrito, cor de palha, um monóculo, um par de suíças e uma gravata cascata. Devido à disparidade de tamanho, entre Conde e o Doutor (sendo a proporção de dois para um) houve certa dificuldade em ajustar esses trajes à pessoa do egípcio: mas quando tudo se arranjou, podia-se dizer que ele estava bem vestido. O Sr. Gliddon lhe deu, portanto, o braço e levou-o a uma confortável cadeira, junto à lareira, enquanto o Doutor tocava imediatamente a campainha e ordenava fossem trazidos mais charutos e vinho.

A conversa em breve se animou. Muita curiosidade, sem dúvida, foi expressa, a respeito do fato, seu tanto quanto notável, de estar Allarnistakeo ainda vivo.

— *Eu teria pensado — disse o Sr. Buckingham — que já faz muito tempo que o senhor está morto.*

— *Ora! — replicou o Conde, bastante espantado. — Tenho pouco mais de setecentos anos de idade! Meu pai viveu mil e não se achava de modo algum caduco, quando morreu.*

Seguiu-se então uma rápida série de perguntas e cálculos, por meio dos quais se tornou evidente que a antigüidade da Múmia fora erroneamente estimada. Já se haviam passado cinco mil e cinqüenta anos e alguns meses, desde que fora ela depositada nas catacumbas de Eleithias.

— *Mas minha observação — continuou o Sr. Buckingham — não se refere à sua idade, por ocasião do enterro (quero crer de fato, que o senhor é ainda um homem moço) e minha alusão foi à imensidade de tempo durante o qual, segundo sua própria explicação, o senhor tem estado empacotado em asfalto.*

— *Em quê? — perguntou o Conde.*

— *Em asfalto — repetiu o Sr. Buckingham.*

— *Ah! sim; tenho uma fraca noção do que o senhor quer dizer; de certo isso poderia dar resultado, mas no meu tempo empregava-se raramente outra coisa que não fosse o bicloreto de mercúrio.*

— *Mas o que especialmente não achamos jeito de compreender — disse o Dr. Ponnonner — é como acontece que, tendo morrido e sido enterrado no Egito, há mais de mil anos, esteja o senhor hoje aqui vivo e parecendo tão magnificamente bem.*

— Se eu estivesse morto, como o senhor diz — replicou o Conde — é mais que possível que morto ainda estaria, pois percebo que os senhores estão ainda na infância do galvanismo e não podem realizar com ele o que era coisa comum entre nós, antigamente. Mas o fato é que sofri um ataque de catalepsia e meus melhores amigos acharam que eu estava morto, ou deveria estar. De acordo com isso, embalsamaram-me imediatamente.

— Suponho que os senhores tem conhecimento do principal mestre do processo de embalsamamento.

— Bem, não totalmente.

— Ah! percebo... deplorável estado de ignorância! Muito bem, não posso entrar em pormenores neste momento, mas é necessário explicar, que embalsamar (propriamente falando) no Egito, era paralisar indefinidamente todas as funções animais sujeitas a este processo. Uso a palavra “animais”, no seu sentido mais lato, como incluindo não só o ser físico, como o ser modal e vital. Repito que o primeiro princípio do embalsamamento consistiu, entre nós, na paralisação imediata e na manutenção perpétua em suspenso, de todas as funções animais, sujeitas ao processo.

— Para ser breve, em qualquer estado em que se encontrasse e indivíduo, no período de embalsamamento, não permaneceria vivo. Ora, como tenho a felicidade de ser do sangue do Escaravelho, fui embalsamado vivo, como os senhores me vêem agora.

— O sangue do Escaravelho! — exclamou o Dr. Ponnonner.

— Sim. O Escaravelho era o emblema, ou as “armas” duma distintíssima e pouco numerosa família patricia. Ser “do sangue do Escaravelho” é apenas ser um dos membros daquela família de que o Escaravelho é o emblema. Estou falando figurativamente.

— Mas que tem isso com o fato de estar vivo o senhor?

— Ora, é costume geral no Egito, antes de embalsamar um cadáver, extrair-lhe os intestinos e os miolos; só a raça dos Escaravelhos não se conformava com esse costume. Portanto, não tivesse eu sido um Escaravelho, e me haveriam extraído intestinos e miolos, e sem uns e outros é inconveniente viver.

— Entendo — disse o Sr. Buckingham — e suponho que todas as múmias intactas, que nos têm chegado às mãos, são da raça dos escaravelhos.

— Sem dúvida alguma.

— Eu pensava. — disse o Sr. Gliddon, com timidez que o Escaravelho era um dos deuses egípcios.

— Um dos egípcios quê? — perguntou a Múmia, dando um salto.

— Deuses! — repetiu o viajante.

— Sr. Gliddon, estou realmente atônito por ouvi-lo falar neste estilo — disse o Conde, tornando a sentar-se. Nenhuma nação, sobre a face da terra, jamais conheceu senão um único Deus. O Escaravelho, o íbis, etc., eram entre nós (o que outros seres têm sido para outras nações) os símbolos, ou intermediários, através dos quais prestávamos culto ao Criador, demasiado augusto para que dele nos aproximássemos de mais perto.

Houve aqui uma pausa. Finalmente, reatou-se a conversa pelo Dr. Ponnonner.

— Não é impossível, então, pelo que o senhor acaba de explicar — disse ele — que entre as catacumbas, perto do Nilo, possam existir outras múmias da tribo do Escaravelho, em condições de vitalidade.

— Não pode haver dúvida alguma a respeito — respondeu o Conde. — Todos os Escaravelhos embalsamados, acidentalmente, quando ainda vivos, estão vivos. Mesmo alguns dos que foram propositadamente assim embalsamados podem ter sido esquecidos pelos seus executores testamentários e ainda permanecem nos túmulos.

— Quer ter a bondade de explicar — perguntei eu, o que quer o senhor dizer com “propositadamente assim embalsamados”?

— Com grande prazer — respondeu a Múmia, depois de me haver examinado à vontade, através de seu monóculo, pois era a primeira vez que me aventurara a fazer uma pergunta direta.

— Com grande prazer — disse ele. — A duração habitual da vida de um homem, no meu tempo, era de quase oitocentos anos. Poucos homens morriam, a não ser em virtude do mais extraordinário acidente, antes dos seiscentos anos; poucos viviam mais do que uma década de séculos; mas oitocentos anos eram considerados o termo natural.

Depois da descoberta do princípio do embalsamamento, como já descrevi aos senhores, ocorreu a nossos filósofos que se poderia satisfazer uma louvável curiosidade e, ao mesmo tempo, fazer avançar os interesses da ciência, vivendo-se esse termo natural a prestações.

Relativamente à ciência histórica, de fato, a experiência demonstrava que algo dessa natureza era indispensável. Tendo por exemplo um historiador atingido a idade de quinhentos anos, escrevia um livro, com grande trabalho, e depois fazia-se embalsamar, com todo o cuidado, deixando instruções a seus executores testamentários pro tempore, para que o fizessem reviver, depois de certo lapso de tempo — digamos quinhentos ou seiscentos anos. Voltando à vida, ao expirar aquele prazo, encontraria invariavelmente sua grande obra convertida numa espécie de caderno de notas à toa, isto é, uma espécie de arena literária, para as conjecturas antagônicas, enigmas e rixas pessoais de rebanhos inteiros de comentaristas exasperados. Essas conjecturas etc., que passavam sob o nome de anotações, ou emendas, verificavam-se haver tão completamente envolvido, torturado e sufocado e texto, que o autor era obrigado a sair de lanterna na mão, à busca de seu próprio livro. Ao descobri-lo, nunca merecia o trabalho da busca. Depois de reescrevê-lo, totalmente, cabia ainda, como dever obrigatório do historiador, pôr-se a trabalhar, imediatamente, em corrigir, de acordo com seu saber individual e a sua experiência, as tradições do dia, concernente à época em que ele havia originalmente vivido. Ora, este processo de recomposição e retificação pessoal, levado a efeito por diferentes sábios, de tempos em tempos, tinha como resultado evitar que nossa história degenerasse em fábula completa.

— *Peço-lhe perdão* — disse o Dr. Ponnonner, neste ponto, pousando delicadamente sua mão sobre o braço do egípcio — *peço-lhe perdão, senhor, mas posso ter a liberdade de interrompê-lo um instante?*

— *Perfeitamente, senhor* — respondeu o Conde, afastando-se um pouco.

— Desejava fazer-lhe simplesmente uma pergunta — disse o Doutor. — O senhor se referiu à correção pessoal do historiador, nas tradições relativas à sua própria época. Rogo-lhe que me diga, qual a proporção, em média, de verdade misturada. a essa Cabala?

— A Cabala, como o senhor muito bem definiu, gozava em geral de fama de estar justamente a par dos fatos relatados nas próprias histórias não reescritas, isto é, jamais se viu, em circunstâncias alguma um simples jota em qualquer deles, que não estivesse absoluta e radicalmente errado.

— Mas já que está perfeitamente claro — continuou o Doutor — que pelo menos cinco mil anos se passaram, desde que o senhor foi enterrado, tenho como certo que vossos anais daquele período, senão vossas tradições, eram suficientemente explícitos, a respeito daquele tópico de interesse universal, que é a Criação, a qual se realizou, como suponho que é de seu conhecimento, havia apenas dez séculos antes.

— O senhor! — disse o Conde Allamistakeo.

O Doutor repetiu suas observações, mas, somente depois de muita explicação adicional, foi que o estrangeiro pôde chegar a compreendê-las. Por mim, respondeu, hesitantemente:

— As idéias que o senhor me apresentou são, confesso, extremamente novas, para mim. No meu tempo, não conheci ninguém que sustentasse fantasia tão singular, como essa de que o universo (ou este mundo, se gostar mais) tivesse uma vez um começo. Lembro-me de que uma vez, uma vez apenas, ouvi algo de remotamente vago, de um homem de muito saber, a respeito da origem da raça humana, e esse homem empregava essa mesma palavra Adão (ou Terra Vermelha) de que o

senhor fez uso. Empregava-a, porém, em sentido genérico, com referência à germinação espontânea do limo da terra (da mesma maneira por que são geradas milhares de criaturas dos mais baixos genera) a geração espontânea digo eu, de cinco vastas hordas de homens, simultaneamente brotada em cinco distintas e quase iguais divisões do globo.

Aqui, todos os presentes encolheram os ombros e um ou dois de nós tocou na frente, com ar bastante significativo.

O Sr. Buckingham, depois de lançar ligeiro olhar para o occipício e depois para o sincipício de Allamistakeo, disse o seguinte:

— A longa duração da vida humana no seu tempo, e ainda mais a prática ocasional de passá-la, como o senhor explicou, a prestações, deve ter contribuído, na verdade, bastante poderosamente, para o desenvolvimento geral e acumulação do saber. Suponho, por consequência, que devemos atribuir a acentuada inferioridade dos velhos egípcios, em todos os ramos da ciência, quando comparados com os modernos e, mais especialmente, com os ianques, inteiramente à solidez mais considerável do crânio egípcio.

— Confesso novamente — respondeu o Conde, com bastante mansidão — que estou um tanto em dificuldade para compreendê-lo; por obséquio, a que ramos de ciência alude o senhor?

Aqui, todo o grupo, unindo as vozes, pormenorizou prolixamente, as aquisições da frenologia e as maravilhas do magnetismo animal.

Tendo-os ouvido até o fim, o Conde começou a contar algumas anedotas, que

demonstraram terem florescido e fenecido no Egito, há tanto tempo, a ponto de terem sido quase esquecidas, tipo de Gall, Spurheim, de que os processos de Mesmer não passavam realmente de desprezíveis artifícios, quando comparados com os positivos milagres dos sábios tebanos, que criavam piolhos e muitos outros seres dessa espécie.

Nisto perguntei ao Conde se o seu povo era capaz de calcular eclipses. Ele sorriu, com certo desdém, e disse que era.

Isto me perturbou um pouco, mas comecei a fazer outras perguntas, a respeito de seu saber astronômico, quando um membro do grupo, que ainda não abrira a boca, cochichou a meu ouvido que, para informação a respeito do assunto, melhor seria que eu consultasse Ptolomeu (quem era esse tal de Ptolomeu?) bem como um tal Plutarco, no capítulo de facie lunae.

Interroguei depois a Múmia, a respeito de lentes convexas e doutra espécie, e, em geral, acerca da manufatura de vidro. Nas ainda não terminara eu minha pergunta e já o companheiro silencioso, de novo me tocava de mansinho o cotovelo e pedia-me, pelo amor de Deus, que desse uma olhada em Diodoro Sículo. Quanto ao Conde, perguntou-me simplesmente, a modo de réplica, se nós modernos, possuímos microscópios, que nos permitissem gravar camafeus, no estilo dos egípcios. Enquanto pensava na maneira de responder a esta pergunta, o miúdo Doutor Ponnonner se pôs a falar de maneira verdadeiramente extraordinária.

— Veja a nossa arquitetura! — exclamou ele, com grande indignação dos dois viajantes que o beliscavam, mas sem resultado.

— Veja — gritou ele, com entusiasmo — a Fonte do Jogo de Bola de Nova York!

Ou se o espetáculo é por demais imponente, contemple por um instante o Capitólio, em Washington, D. C.! — e o bom doutorzinho se pôs a pormenorizar, com toda a prolixidade, as proporções do edifício a que se referia. Explicou que só o pórtico estava adornado de não menos de vinte e quatro colunas, de cinco pés de diâmetro, e dez pés de distância uma das outras.

O Conde disse que lamentava não poder lembrar-se, justamente naquele momento, das dimensões precisas de qualquer dos principais edifícios da cidade de Aznac, cuja fundação se perdia na noite do Tempo, mas cujas ruínas estavam ainda de pé, na época do seu sepultamento, numa vasta planície arenosa, a oeste de Tebas. Lembrava-se, porém, (a propósito de pórticos) que um havia, pertencente a um palácio inferior, numa espécie de subúrbio chamado Carnac, e formado de cento e quarenta e quatro colunas, de trinta e sete pés de circunferência e distantes umas das outras vinte e cinco pés. Chegava-se do Nilo a esse pórtico, através duma avenida de duas milhas de extensão, formada de esfinges, estátuas e obeliscos, de vinte, de sessenta e de cem pés de altura. O próprio palácio (pelo que podia lembrar) tinha, só numa direção, duas milhas de comprimento e ao todo poderia ter cerca de sete de circuito. Suas paredes estavam todas ricamente pintadas, por dentro e por fora, de hieróglifos. Não pretendia afirmar que mesmo cinqüenta ou sessenta dos Capitólios do Doutor pudessem ter sido construídos, dentro daquelas paredes, mas de nenhum modo achava impossível que duzentos ou trezentos deles pudessem ser lá dentro comprimidos, sem muita dificuldade. Aquele palácio de Carnac não passava afinal duma insignificância. Ele (o Conde) porém, não podia em consciência recusar-se a admitir a engenhosidade, a magnificência e a superioridade da Fonte do Jogo da Bola, tal como foi descrita pelo Doutor. Nada de semelhante, era forçado a convir, fora jamais visto no Egito, nem em qualquer outra parte.

Perguntei então ao Conde qual sua opinião a respeito de nossas estradas de ferro.

— Nada de particular — respondeu ele.

Eram um tanto fracas, um tanto mal projetadas e toscamente construídas. Não podiam ser comparadas, por certo, com as estradas vastas, planas, retas e raia-das de ferro, sobre as quais os egípcios transportavam templos inteiros e sólidos obeliscos, de cento e cinqüenta pés de altura. Falei de nossas gigantescas forças mecânicas.

Concordou que alguma coisa conhecíamos nesse particular, mas indagou quanto teria eu de trabalhar, para levantar as cornijas sobre os dintéis, como do pequeno palácio de Carnac.

Resolvi não dar por ouvida esta pergunta e perguntei se ele tinha alguma idéia de poços artesianos, mas ergueu simplesmente as sobrancelhas, enquanto o Sr. Gliddon piscava fortemente para mim e dizia, em voz baixa, que fora descoberto um, recentemente, por engenheiros encarregados de canalizar água para o Grande Oásis.

Mencionei depois nosso aço, mas o estrangeiro levantou o nariz e perguntou-me se nosso aço podia ter executado o duro trabalho de insculpir os obeliscos, realizado totalmente com instrumentos cortantes de cobre.

Isto nos desconcertou tanto que achamos prudente mudar nosso ataque para a metafísica. Mandamos buscar um exemplar do livro, chamado o Relógio de Sol, e lemos um capítulo ou dois, a respeito dum assunto não bastante claro, mas que os bostonianos chamam de Grande Movimento do Progresso.

O Conde disse simplesmente que Grandes Movimentos eram coisas excessivamente comuns no seu tempo e quanto ao Progresso, foi, em certo tempo, uma completa calamidade, porém jamais progredira.

Falamos então da grande beleza e da importância da Democracia e muito nos esforçamos para fazer bem compreender ao Conde as vantagens de que gozávamos em viver num país onde havia sufrágio ad libitum, e não havia rei. Ele escutou com todo interesse e de fato mostrou-se não pouco divertido. Quando acabamos, disse ele que, há muitíssimo tempo, ocorrera algo bem semelhante. Treze províncias egípcias resolveram tornar-se imediatamente livres e dar assim um magnífico exemplo ao resto da humanidade. Reuniram-se seus sábios e cozinham a mais engenhosa constituição, que é possível conceber-se. Durante algum tempo, as coisas correram admiravelmente bem, somente que seu costume de ufanar-se era prodigioso. A coisa acabou, porém, com a consolidação dos treze estados, com mais quinze ou vinte outros, no mais odioso e insuportável despotismo de que jamais se ouviu falar na superfície da Terra.

Perguntei o nome do tirano usurpador.

Tanto quanto podia lembrar-se, era POPULAÇA.

Não sabendo que dizer a isso, ergui a voz e deplorei que os egípcios não conhecessem o vapor.

O Conde olhou para mim com bastante espanto, mas não deu resposta. O cavaleiro silencioso, porém, deu-me uma violenta cotovelada nas costelas dizendo-me que eu já me havia suficientemente comprometido duma vez, e perguntou se eu era tão maluco, realmente, para não saber que a moderna máquina a vapor deriva da invenção de Hero, através de Salomão de Caus.

Estávamos agora em eminente perigo de sermos derrotados, mas nossa boa sorte fez que o Doutor Ponnonner, tendo-se reanimado, voltasse em nosso auxílio e perguntasse se o povo do Egito pretendia seriamente rivalizar com os modernos, em todas as importantíssimas particularidade, do traje.

Ouvindo isto, o Conde baixou a vista sobre as alças de suas calças e, depois, pegando a ponta de uma das abas de sua casaca, levou-a até bem perto dos olhos, examinando-a, durante alguns minutos. Deixando-a cair, por fim, sua boca escancarou-se gradualmente, duma orelha à outra, mas não me recordo se ele disse qualquer coisa à guisa de resposta.

Neste momento, recuperamos nossas energias e o Doutor, aproximando-se da Múmia, com grande dignidade, rogou-lhe que lhe dissesse, com toda a franqueza, e sob sua honra de cavalheiro, se os egípcios tinham compreendido em alguma época, a fabricação, quer das pastilhas de Ponnonner, quer das pílulas de Bandreth.

Aguardávamos, com profunda ansiedade, uma resposta, mas foi em vão. A resposta não chegava. O egípcio enrubesceu e baixou a cabeça. Jamais houve triunfo mais consumado; jamais derrota alguma foi suportada de tão má vontade. De fato, não podia tolerar o espetáculo da mortificação da pobre Múmia. Peguei do chapéu, cumprimentei-a e despedi-me.

Ao chegar em casa, já passava das quatro horas e fui imediatamente para a cama. São agora dez horas da manhã. Estou de pé desde as sete, escrevendo estas notas, em benefício da minha família e da humanidade. Quanto à primeira, não mais a verei. Minha mulher é uma víbora. A verdade é que estou

nauseado, até o mais íntimo, desta vida e do Século Dezenove em geral. Estou convencido de que tudo vai de pernas viradas. Além disso, estou ansioso por saber quem será o Presidente, em 2045. Portanto, logo que acabar de barbear-me e de tomar uma xícara de café, irei até a casa de Ponnonner fazer-me embalsamar por uns duzentos anos.

Disponível em: https://aminoapps.com/c/morcegando/page/blog/pequena-conversa-com-uma-mumia-edgar-allan-poe/kVxo_BBfGug3x0z3L7Vk2KGGJ58EwJW0rI

3º Momento: Após a leitura, entregue o formulário para a síntese.

FORMULÁRIO PARA A SÍNTESE	
TÍTULO DO CONTO:	
NOME:	
O QUE É INTERESSANTE	O QUE É IMPORTANTE

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)

4º Momento: Depois de analisar o texto e as informações anotadas pelos alunos, entregue o quadro de reconto para síntese.

QUADRO DE RECONTO PARA SÍNTESE	
ALUNO:	
Lista de palavras-chave da narrativa	
Registros de breves passagens da história que norteiam a estrutura da narrativa	
Reconto da história (atividade oral)	
Resumo	
Opinião (pessoal)	

Fonte: Material produzido para ilustrar esta pesquisa e esta estratégia de leitura embasado em Souza et al (2010)

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler; em três artigos que se completam**. 23°. Ed. São Paulo: Autores associados: Cortez, 1989.

KAFKA, Franz. **O silêncio das sereias**. Disponível em: <https://franzkafka.com.br/2014/09/14/o-silencio-das-sereias/> Acesso em: 08 Ago. 2021.

KAFKA, Franz. **O Abutre**. Disponível em: <https://www.contosdeterror.site/2020/08/o-abutre-conto-insolito-franz-kafka.html>. Acesso em: 08 Ago. 2021.

POE, Edgar Allan. **Pequena conversa com a múmia**. Disponível em: : https://aminoapps.com/c/morcegando/page/blog/pequena-conversa-com-uma-mumia-edgar-allan-poe/kVxo_BBfGug3x0z3L7Vk2KGGJ58EwJW0rl Acesso em: 08 Ago. 2021.

RUBIÃO, Murilo. **O Pirotécnico Zacarias**. 17°. Ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Trad. Claudia Schilling – 6ª ed. – Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, Renata Junqueira de et al. **Ler e compreender: estratégias de leitura**. Campinas, SP: Mercado de letras, 2010.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.

ISBN: 978-85-92647-62-9

DIÁLOGO
EDITORIAL